



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

CENTRO DE HUMANIDADES – CH

UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**O CAPITAL E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO:
ESTUDO DE CASO SOBRE O CAMPO SANTO PARQUE DA PAZ,
CAMPINA GRANDE-PB**

YURE ALMEIDA FELIPE

CAMPINA GRANDE- PB

2018

YURE ALMEIDA FELIPE

**O CAPITAL E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO:
ESTUDO DE CASO SOBRE O CAMPO SANTO PARQUE DA PAZ,
CAMPINA GRANDE-PB**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) em cumprimento as exigências da instituição para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. LINCOLN DA SILVA DINIZ

CAMPINA GRANDE- PB

2018

F315c Felipe, Yure Almeida.
O capital e a apropriação do espaço sagrado: estudo de caso sobre o Campo Santo Parque da Paz, Campina Grande - PB. / Yure Almeida Felipe. – Campina Grande, 2018.
26 f: Il.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação: Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz".
Referências.

1. Geografia humana. 2. Cemitério. 3. Espaço sagrado. I. Diniz, Lincoln da Silva. II. Título.

CDU 911:3(043)

YURE ALMEIDA FELIPE

**O CAPITAL E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO:
ESTUDO DE CASO SOBRE O CAMPO SANTO PARQUE DA PAZ,
CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: ____/____/____

Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz

Orientador

Profa. Ms. Juliana Nóbrega de Almeida

Examinador externo

Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo

Examinador interno

Campina Grande - PB

2018

FELIPE, Yure Almeida. **O CAPITAL E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO: ESTUDO DE CASO SOBRE O CAMPO SANTO PARQUE DA PAZ, CAMPINA GRANDE-PB.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2018.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo de pesquisa analisar o processo de apropriação do espaço sagrado pelo capital a partir da criação do Campo Santo Parque da Paz. Para essa pesquisa, inicialmente foi realizado leituras acerca da apropriação do espaço pelo capital. Em etapa posterior, foram aplicados questionários e realizado entrevistas *in loco*. Todo ser humano religioso busca um lugar para fazer conexão com a divindade a qual acredita, desta forma, os cemitérios são tidos como locais de culto, já que independente da religião professada, sempre há o pensamento de que aquele espaço é “sagrado”, tendo em vista as várias realizações de rituais religiosos, como missas, oferendas e cultos em memória daqueles que já morreram. A antiga igreja matriz localizada no Centro da cidade de Campina Grande, por muito tempo serviu de espaço de sepultamento para mortos. No entanto, foi construído em 1856 o primeiro cemitério da cidade. Décadas seguintes foram criados outros, de acordo com o crescimento urbano desta. Em 2005 Campina Grande recebeu a construção do mais importante espaço de sepultamento privado do município, o cemitério Campo Santo Parque da Paz. A cidade sempre foi reconhecida por sua importância econômica dentro do Nordeste brasileiro, o que permitiu a chegada do Campo Santo, que veio com a proposta de buscar novas modalidades para atrair um maior número de consumidores para adquirir jazigos. Apesar da grande importância deste empreendimento para a cidade, pôde-se observar que o uso do espaço é limitado a classes sociais com maior poder aquisitivo. Desta forma, privilegiando somente determinada parte da população.

Palavras-chave: cemitério, capital e espaço sagrado.

ABSTRACT

Every religious human being seeks a place to make connection with the divinity in which they believe. Thus, the cemeteries are considered as places of worship, since regardless of the religion professed, there is always the thought that the space is "sacred", in view of the various achievements of religious rituals such as masses, offerings and memorial services of those who have died. The old parish church located in the Center of the city of Campina Grande, long served as burial space for the dead. However, it was built in 1856 the city's first cemetery. The following decades, others were created according to the urban growth of this. In 2005 Campina Grande received the construction of the most important private burial space in the county, Campo Santo cemetery. Peace Park was recognized for its economic importance in the Brazilian Northeast, therefore allowed the arrival of Campo Santo, which came with the proposal to seek new modalities to attract more consumers to acquire deposits. The present work had as a research problem to analyze the process of appropriation of the sacred space by the capital from the creation of Campo Santo Park of Peace. For this research, initially was realized readings about the appropriation of the space by the capital. In a later stage, questionnaires were applied and interviews were carried out in loco. Despite the great importance of this enterprise for the city, it was observed that the use of space is limited to social classes with greater purchasing power. This way, privileging only a certain part of the population.

Keywords: cemetery, capital and sacred space

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Albuquerque e Brito (2013) “os mortos são enterrados não apenas por uma questão de saúde e higiene, mas principalmente porque, ao longo do tempo, foi construída a ideia pela sociedade, de que após a morte, a alma encontra a vida eterna e que o corpo que a abrigou enquanto ser vivo merece uma “última moradia” digna. ” Entende-se que é dessa forma que os cemitérios, de um modo geral, são verdadeiros locais de culto, pois, independentemente da religião praticada, sempre há o pensamento de que aquele local é um espaço sagrado e que, muitas vezes, serve para a realização dos mais diversos rituais religiosos, como missas e oferendas, em memória daqueles que já morreram.

Segundo Silva (2016, p. 7), “o espaço da morte mais importante da cidade de Campina Grande até 2005 era o cemitério público Nossa Senhora do Carmo, mais conhecido como cemitério do Monte Santo, espaço que abriga em suas lápides grandes personalidades e pessoas da elite local.” No que tange a esse fato, o presente artigo tem como problema de pesquisa: analisar o processo de apropriação do espaço sagrado pelo capital a partir da criação do Campo Santo Parque da Paz em Campina Grande. Têm-se como objetivos: identificar os cemitérios da Cidade de Campina Grande enquanto espaços públicos e privados; conhecer a estrutura do Campo Santo Parque da Paz e a sua lógica empresarial; analisar as implicações de um espaço sagrado privado e suas relações com as crenças e valores culturais.

A metodologia utilizada para execução desse trabalho trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa. Para realização desse estudo foi feito um levantamento bibliográfico selecionando livros fundamentais para a pesquisa. Deu-se partida para uma coleta seletiva de artigos através de revistas, publicações acadêmicas, dissertações, teses e artigos extraídos em sites oriundos de importantes periódicos desta área. Utilizou de entrevista com duas funcionárias do setor administrativo do cemitério e questionários com vinte usuários do Campo Santo, a fim de coletar dados para estudar e relacionar o capitalismo ao espaço sagrado (cemitério). A pesquisa possui uma abordagem de caráter interpretativo, que identifica e analisa dados relacionados ao foco principal.

Para a realização desta pesquisa, no primeiro momento foram feitas pesquisas bibliográficas com autores que abordam a temática de espaço sagrado, uso do solo. Em seguida foi descrito sobre Campina Grande e sua reprodução capitalista, e a importância da mesma no Nordeste brasileiro, por apresentar um importante dinamismo econômico regional. Foi feito um resgate sobre a história dos cemitérios de Campina Grande, desde o surgimento do primeiro espaço da morte da cidade no ano 1856. Por fim, foi realizada uma pesquisa no

cemitério do Campo Santo Parque da Paz, a fim de entender a lógica capitalista praticada naquele empreendimento.

Aponta Silva (2016, p. 7) que, “desde que foi criado o espaço privado um grande número de pessoas retirou os restos mortais de seus familiares do espaço público e levaram para esse novo espaço privado. ” A partir desse fato, a pesquisa objetiva analisar quais as razões destas transformações; como o capital privado se apropriou desse espaço sagrado para a obtenção de lucros; qual a sua real importância para a cidade de Campina Grande e suas relações com as crenças e valores culturais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O espaço sagrado e a apropriação deste pelo capital

Segundo Sposito (2008), antes mesmo de existir a cidade de fato, com aglomerados urbanos, no período paleolítico, foi pensado pelos nômades a “moradia” dos mortos, um lugar para velar seus entes queridos, apesar de que eles não tivessem uma moradia fixa, com o passar do tempo perceberam a necessidade de reservar e identificar lugares como caverna, covas, tumulo coletivo que hoje são conhecidos como cemitérios.

O período paleolítico é marcado pela não fixação do homem. Contudo, as suas primeiras manifestações de interesse em se relacionar com algum lugar, são deste período, e podemos reconhecê-las por dois fatos. Primeiro, pela respeitosa atenção com que eles tivessem um lugar, uma “moradia”, apesar do caráter itinerante e inquieto dos vivos. Mumford chama atenção para esse aspecto, ao dizer que: “... os mortos foram os primeiros a ter uma moradia permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo. (...) Acidade dos mortos antecede a cidade dos vivos.” (SPOSITO *apud* MUMFORD, 2008, p. 12).

A cidade a partir desta perspectiva apresenta, de forma marcante, muitos traços culturais, com ênfase no sagrado. No contexto atual, com a expansão do capital hegemônico global em todos os recantos territoriais, os espaços tornam-se mercadorias de consumo. Os espaços sagrados também são vislumbrados pelo capital comercial. Espaços de santuários religiosos, centros de romarias, templos, cemitérios, entre outros espaços são enquadrados pela lógica capitalista, uma vez que são espaços que envolvem grandes fluxos de consumidores.

Neste contexto, os espaços sagrados tornam-se também o lócus do capital contemporâneo, que se apropria de variadas formas das estruturas historicamente construídas pela fé, pelas tradições dos povos. O espaço sagrado e seus elementos, portanto, torna-se valor

de mercado, especialmente nas cidades da atualidade. A renda da terra se intensifica sobre esses espaços.

Segundo Souza (2010) a cultura é determinante na produção do espaço urbano e na projeção da importância de uma cidade, além de seus limites físicos, assim como reconhecimento e poder. Muitas cidades brasileiras surgiram em torno de espaços sagrados como capelas. Alguns desses lugares se fortaleceram por enraizar e agregar forte poder simbólico, que faz atrair investimentos em comércio, serviços, atividades de lazer e, principalmente, turismo religioso. Marx (1991) destaca a importância da capela/paróquia na formação dos núcleos urbanos e da consolidação das primeiras vilas e cidades, evidenciando assim, o papel importante do poder religioso na formação dessas localidades. Isso reflete na compreensão de que a Igreja exerceu um papel fundamental na economia, na cultura, na política e no desenvolvimento das cidades no Brasil.

Burmann (2009) fala sobre o espaço sagrado para o ser humano religioso, que é o que torna esses espaços reconhecidos para determinadas pessoas que seguem uma crença em que esse lugar está inserido, fazendo assim se destacar e tomar vários significados, relacionando o espaço sagrado e espaço não sagrado, Burmann (2009) *apud* Eliade exemplifica sua teoria, citando uma cidade moderna: “A igreja torna-se um espaço diferente para a pessoa crente. É o local em que o profano é transcendido, onde se torna possível a "comunicação com os deuses”. Sendo assim, pessoas de diferentes religiões e crenças criam e buscam essa “comunicação com os deuses”, desta forma, veem a necessidade de buscar um espaço, onde seja o ponto de encontro para fazer suas preces/orações/cultos e realizar essa conexão.

Desta forma, que surgiu os grandes centros religiosos pelo mundo, em que o capitalismo se infiltrou e, conseqüentemente, ergueram-se importantes cidades turísticas, no Brasil e no mundo. Podemos encontrar vários exemplos de cidades que se tornaram turísticas por conta de espaços considerados sagrados e/ou outros movimentos religiosos. Segundo Silvio e Edemar (1986) o capitalismo chega com o intuito de tirar proveito das conjunturas para obtenção de lucros, como é o caso dos cemitérios, espaços inicialmente pensados como lugares sagrados e públicos, tornam-se mercadorias de consumo.

Explica Martins (1983) que, além da apropriação do trabalho, a posse da terra pelo capital engendra uma forte reprodução deste. Expressa o autor:

[...] assim, como o capital pode apropriar-se do trabalho, também pode apropriar-se da terra. Assim como o capitalista precisa pagar um salário para se apropriar da força de trabalho, precisa pagar uma renda para se apropriar da terra. Assim como a força de trabalho se transforma em mercadoria no capitalismo, também a terra se transforma em mercadoria. Assim como o trabalhador cobra um salário para que sua força de trabalho seja empregada na reprodução do capital, o proprietário da terra

cobra uma renda para que ela possa ser utilizada pelo capital. (MARTINS, 1983, p.160)

Diferentes autores abordam sobre a renda da terra, relacionando, na maioria das vezes, com a agricultura e pecuária, refletindo sobre sua fertilidade natural do solo. Contudo, Souza (2010) comenta sobre o ponto de vista urbano, quando diz que a cidade na perspectiva do uso do solo se caracteriza em um espaço não agrícola, abrindo espaço para outras formas de uso que não dependem de sua a fertilidade, como exemplo: comércio, oferta de serviço, produção industrial, atividades terciárias, habitação e circulação (ruas, avenidas etc.).

Podemos falar sobre renda da terra considerando o que Cario e Buzanelo (1986) explicam segundo a lógica marxista, quando se referem ao sistema de distribuição de mais-valia social “[...] em que o proprietário cede o terreno ao arrendatário capitalista para explorar trabalhadores, recebendo uma renda pela utilização da terra. ” (CARIO; BUZANELO, 1986, p. 84). Sendo assim, quando o capital aumenta sua capacidade produtiva, o proprietário da terra cria condições para explorar o trabalho não pago, ou seja: “A renda da terra nada mais é do que, a remuneração pelo direito de uso da terra imposto ao capital. ” (CARIO; BUZANELO, 1986, p. 34).

2.2 A cidade de Campina Grande e a reprodução capitalista no seu espaço

Cardoso (1963) relata que a cidade de Campina Grande sempre foi reconhecida por sua importância econômica dentro do Nordeste brasileiro, por ter uma localização geográfica privilegiada, sendo historicamente caminho de comércio regional para várias cidades interioranas. Sua relação comercial se estendia por grande parte do sertão nordestino. A instalação do terminal ferroviário em 1907 consolidará a sua liderança comercial no interior de vasta extensão desta região brasileira. No que diz respeito ainda à importância econômica desta cidade, Souza (2010) contraria tais avanços econômicos ao observar o quadro social de grande parte da população local na atualidade. Assim afirma que:

Uma cidade média em uma região pobre, como o Nordeste Brasileiro, tenderá a não apresentar comércio e serviços tão diversificados e sofisticados quanto uma cidade de mesmo porte em uma região mais próspera, com uma presença bem mais expressiva de estratos de renda médios, como o interior de São Paulo ou o Sul do país, por exemplo. (SOUZA, 2010)

Por estabelecer essas relações com outras cidades, Campina destaca-se até hoje por ser um local bastante procurado por muita gente de municípios vizinhos em busca de produtos e serviços que não encontram em seus lugares.

Para Souza (2010, p.25), “[...] A cidade é, primordial e essencialmente, um local de mercado”. Continua o autor: “[...] toda cidade é um local de mercado, onde se dá um intercâmbio regular de mercadorias.” (SOUZA, 2010, p.25). Como por exemplo, a busca por produtos com valores competitivos, fez estimular o surgimento de muitos estabelecimentos atacadistas, oferecendo competitividade entre estes e, cada vez mais, atraindo comerciantes e consumidores das cidades circunvizinhas.

Campina Grande não só oferece produtos, ela também recebe produtos, o maior exemplo disso é a principal feira da cidade, onde podemos encontrar vários comerciantes de outras regiões, principalmente do Brejo Paraibano¹, que vem comercializar suas mercadorias na Feira Central².

No que se refere aos serviços oferecidos em Campina, esta se sobressai entre as demais cidades interioranas, principalmente, nas áreas saúde e educação. Na saúde, por ter amplos hospitais e diversas clínicas, contribui para atração de fluxos de pacientes que se deslocam diariamente de seus municípios para procurar atendimento médico especializado. Na educação, é conhecida por ser um importante centro de formação profissional e tecnológico, capaz de produzir e exportar inovações para diversas empresas. A cidade neste campo abriga numerosas instituições de ensino e pesquisa, com universidades e faculdades públicas e privadas, além de várias escolas técnicas.

Deste modo, Campina Grande conquistou a importância de capital regional entre tantas outras cidades da região. Nas palavras de Souza (2010, p.28), “[...] a cidade é, igualmente, um centro de gestão do território [...]”. Em vista disso, Campina, por exercer certa centralidade, se consolida e estende sua influência regional até a atualidade. Sobre o papel da centralidade de uma cidade, explica Souza que:

Toda cidade é, do e ponto de vista geoeconômico, isto é, das atividades econômicas vistas a partir de uma perspectiva espacial, uma localidade central, de nível maior ou menor de acordo com a sua centralidade - ou seja, de acordo com a quantidade de bens e serviços que ela oferta, e que fazem com que ela atraia compradores apenas das redondezas, de uma região inteira ou, mesmo, de acordo com o nível de sofisticação do bem ou serviço, do país inteiro e até de outros países. (SOUZA, 2010, p.25)

¹O Brejo Paraibano corresponde a uma região de altitude no Planalto da Borborema, com considerável nível pluviométrico, localizada na antiga Mesorregião do Agreste Paraibano, que por sua vez constitui uma zona de transição entre a região semiárida e a mata atlântica litorânea. Os municípios que compõem o Brejo Paraibano são importantes produtores agrícolas, produzindo cana de açúcar, banana, laranja, cachaça, entre outros. Além de ser importante centro turístico, com temperaturas “amenas”.

²A Feira Central de Campina Grande constitui no maior espaço de comércio de feira livre nesta cidade, localizada na área central desta.

Campina Grande se enquadra neste contexto apontado por Souza. Desde décadas passadas, esta cidade exerce relevante influência na rede urbana regional. Tal fato é mencionado em estudos realizados na década de 1960 com Cardoso (1963) e em períodos recentes com Souza (2010). Quanto ao papel de uma cidade regional, comenta novamente Souza:

Sua área de influência pode, muitas vezes, não ir além dos limites territoriais da unidade político-administrativa local da qual ela é a sede (no caso brasileiro, o município). Todavia, basta ela polarizar, economicamente, o seu entorno imediato, ou seja, as cidades vizinhas, para que sua área de influência já possa ser considerada digna de nota. (SOUZA 2010, p. 26-27)

Ainda segundo Souza (2010), as atividades econômicas oferecidas em uma cidade não dependem somente de sua densidade demográfica, “[...] a sofisticação dos serviços ofertados no núcleo urbano terá muito a ver com a renda média da população.” (SOUZA 2010, p.30), ou seja, a quantidade de habitantes não determina tanta influência quanto a isso, o que acontece é que a renda dessas pessoas é que irá determinar que a cidade tenha uma diversidade de serviços de qualidade, além de outros fatores histórico-culturais e locacionais.

2.3 Valorização do espaço e precificação do solo em Campina Grande

Ao falar sobre cidades contemporâneas, Almeida e Monte-Mór (2017) elucidam alguns fatos que mantêm relação com a cidade de Campina Grande, o primeiro diz que as cidades contemporâneas apresentam um padrão de distribuição, onde o maior número dos empregos é distribuído no centro, e conseqüentemente, as terras de maiores valores estão localizadas nesses centros, por estarem mais próximos aos importantes negócios da cidade. Porém, em contraponto com o que os autores apresentam, podemos observar em Campina Grande a descentralização desses grandes empreendimentos, que antes eram inseridos no centro econômico, e hoje se localizam em perímetros mais distantes, como exemplo: importantes indústrias, loteamentos fechados e o principal Shopping Center da cidade. Usando como premissa o que foi dito por Almeida e Monte-Mór (2017), não se deve tomar como parâmetro para especular o valor do solo, por ele está próximo ao centro ou não.

A presença desses importantes negócios faz valorizar ainda mais determinados espaços. Costa (2013) realiza uma avaliação sobre a precificação do solo na cidade de Campina Grande, fazendo inicialmente uma relação entre valor e preço. Este diz que o que está relacionado ao preço do solo, se refere à renda fundiária da urbana, que está sujeita a especulação imobiliária, fazendo assim elevar seu preço. No que corresponde ao valor, o solo é atribuído enquanto local em potencial, que está suscetível a ganhar melhorias, como de

infraestrutura e de recebimento de importantes obras em sua volta, que conseqüentemente fará esse lugar mais valorizado.

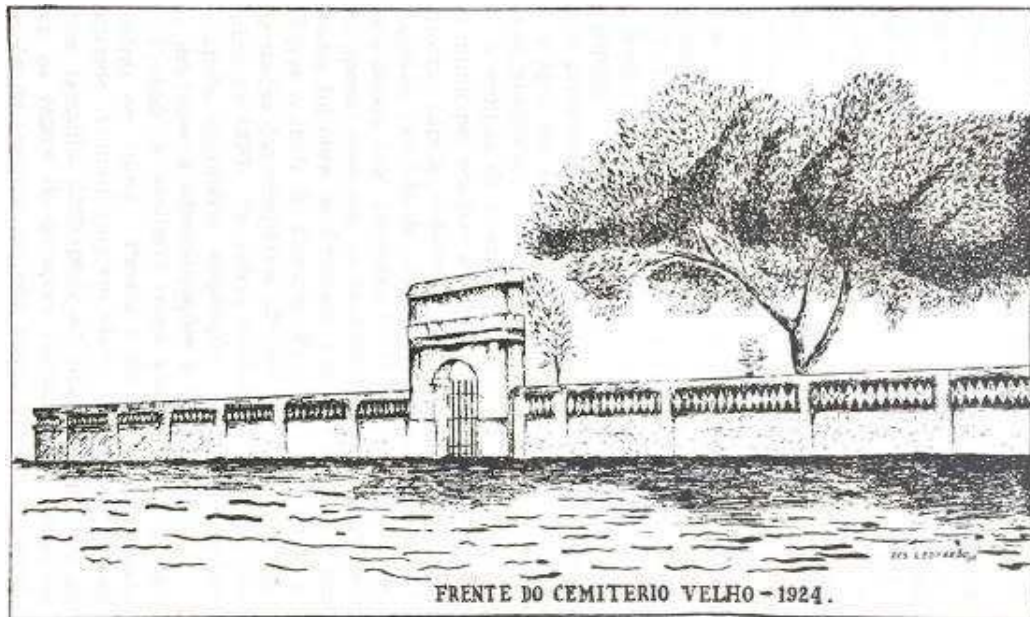
Assim sendo, o especulador de terrenos “investe” na perspectiva de que a renda a ser paga pelo uso de seu solo cresça substancialmente no futuro em virtude da agregação de atributos que, ele imagina, será propiciada pelo desenvolvimento da região, promovido, principalmente, pela ação do poder público (instalação de redes de água e esgoto, abertura de vias de acesso, instalação de escolas, etc.). (KANDIR, p. 131, 1983)

Na cidade de Campina Grande, foi seguida essa dinâmica citada por Costa *apud* Kandir (2013), onde as áreas que estavam mais suscetíveis a melhorias, se tornaram os lugares de maiores valores comerciais. O autor cita como exemplo o Bairro do Mirante no período de 1995, onde ainda não havia muita infraestrutura, mas, por outro lado, estava localizado próximo à rodovia com saída para o litoral. Tal localização se consolidou posteriormente com a instalação do primeiro e único Shopping Center na cidade.

Desse modo, diversos motivos influenciam os consumidores, que é o principal alvo a querer pagar mais ou não por determinado terreno. Condições relacionadas a impostos, serviços comerciais, status, luxo, paisagem, natureza e tranquilidade, assim como a segurança no local, são causas importantes nesse método de precificação da terra, que não estão sob total controle do investidor imobiliário e que, justamente por isso, é uma atividade especulativa, pois os investimentos e as construções não são pensados para ganhos imediatos, e sim, futuros.

2.4 Resgate sobre a história dos cemitérios de Campina Grande

Elpídio de Almeida dedicou um capítulo de seu livro, História de Campina Grande, intitulado: “Cemitério Velho” (figura 1), que conta a história de como surgiu à morada dos mortos em Campina Grande. Almeida (1978) diz que a igreja matriz localizada no Centro da cidade, por muito tempo serviu de espaço de sepultamento para seus mortos. O terreno na lateral, onde atualmente é utilizado como estacionamento, era o local reservado para sepultamentos até meados do século XIX, e os mortos eram separados de acordo com sua posição social, ou seja, as pessoas que tinham melhores condições financeiras tinham, como privilégio, serem enterradas próximas ao altar-mor, mediante pagamento de uma taxa estipulada pelo pároco da igreja, que também era o responsável por todas as despesas do velório.

Figura 1: Cemitério Velho da Boninas

Fonte: Elpídio de Almeida. 1978.

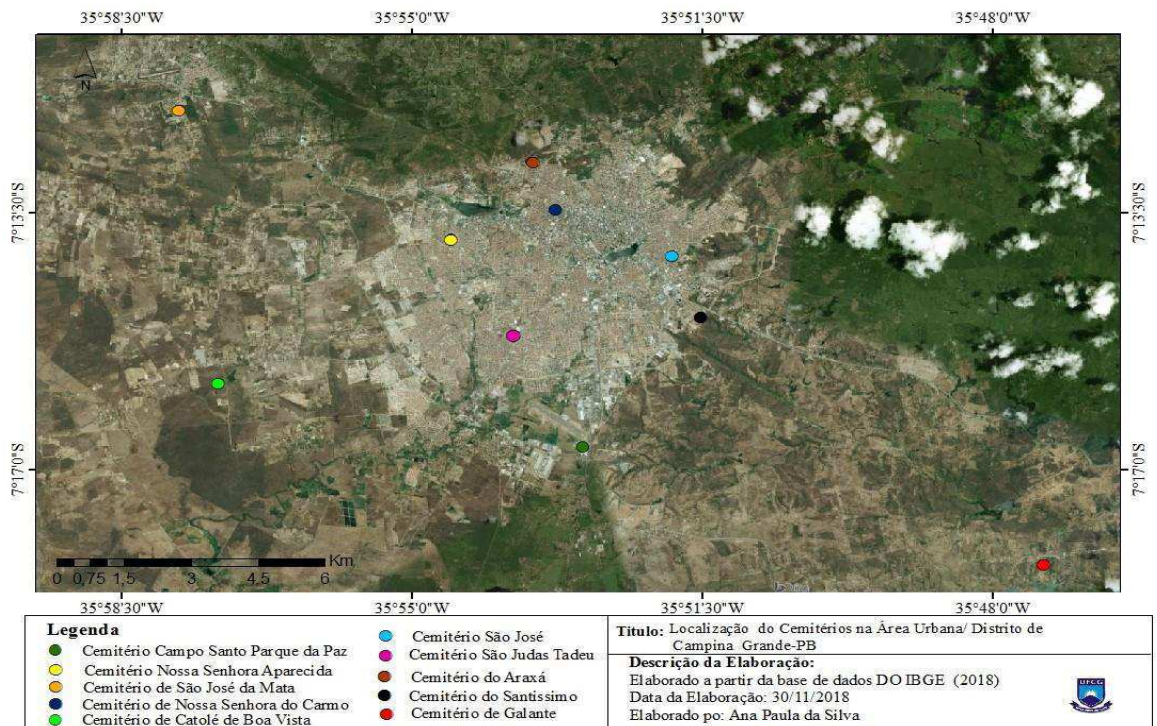
Posteriormente, devido a um surto de cólera, foi construído em 1856 nas Boninas, também localizado no Centro, o primeiro cemitério da cidade. Porém, já no final da década de 90 do século dezenove, o cemitério se encontrava lotado e não comportava mais nenhum morto. No final do século XIX foi construído o cemitério no bairro do Monte Santo, hoje nomeado como Nossa Senhora do Carmo, o novo cemitério ficava um pouco mais afastado do centro. Na ocasião da transferência dos restos mortais, o processo foi feito de maneira imprópria, sem cuidados e sem respeitar as identidades dos mortos.

“Enquanto na Palestina, a tumba de Raquel, a predileta de Jacó, pode ainda ser vista, em Campina Grande não há vestígio dos túmulos que guardavam os restos mortais dos fundadores da cidade”. (ALMEIDA, 1978). As pessoas de Campina não sabiam identificar onde estavam enterrados seus entes queridos, dessa forma, um povo desprovido de um lugar que lembrasse a existência de seus antepassados.

Com a emergência de criação de espaços públicos de sepultamentos em virtude de uma grande peste de cólera ocorrida por volta de 1886, foi criada pela câmara legislativa a lei estadual nº 9, de 12 de setembro de 1857 no qual constava em seu artigo nº 12 que “É proibido nesta vila e suas povoações o enterramento nas igrejas, devendo ser em cemitério, ou campo para esse fim destinado, que seja fora dos povoados e em sepulturas bastante fundas” (ALMEIDA, 1978).

2.5 Cemitérios de Campina Grande

Figura 2: Mapa de localização dos cemitérios do município de Campina Grande-PB.



Fonte: Ana Paula. Novembro/2018.

Os cemitérios de Campina Grande estão distribuídos em diferentes partes do município, compreendendo um total de 10, sendo dois de iniciativa privada e oito de administração pública. Araxá e o Campo Santo Parque da Paz são de iniciativas privadas. Os de administração pública são: Nossa Senhora do Carmo (Bairro Monte Santo), Nossa Senhora de Aparecida (Bairro Bodocongó), Cemitério de São José (Bairro José Pinheiro), São Judas Tadeu (Bairro Cruzeiro), Cemitério do Santíssimo (Bairro Vila Cabral de Santa Terezinha), além dos cemitérios dos Distritos de São José da Mata, Catolé de Boa Vista e Galante.

Cemitério do Araxá está localizado na zona urbana de Campina Grande, endereço: Rua Céu do Nascimento Borborema, s/n – CEP: 58.404-155 – bairro do Araxá/Jeremias Campina Grande – PB. Foi inaugurado em 1989. É de propriedade privada, tendo ocupação de forma ordenada. Com uma área de 73.139,00m², tem cerca de 8.720, pessoas sepultadas, distribuídas em suas 2.529 covas rotativas administradas pela prefeitura. A média de sepultamentos é 25 pessoas por mês e 300 por ano.

Cemitério de Nossa Senhora do Carmo, mais conhecido como Cemitério do Monte Santo, localizado na zona urbana. Endereço: Rua Monte Santo s/n CEP: 58400-650 – bairro do Monte Santo Campina Grande – PB. É propriedade pública, tendo ocupação de forma

ordenada. Com uma área de 88.437,00m², tem cerca de 49.620, pessoas sepultadas, distribuídas em seus 4.200 terrenos próprios. A média de sepultamentos é de 45 pessoas por mês e 540 por ano.

Figuras 3 e 4: Cemitério Nossa Senhora do Carmo (Monte Santo)



Fonte: Acervo pessoal do Prof. Lincoln Diniz



Fonte: PMCG

Cemitério Nossa Senhora Aparecida, mais conhecido como Cemitério de Bodocongó, localizado na zona urbana. Endereço: Rua Floripedis Coutinho, 935. CEP: 58430-600 – bairro Bodocongó, Campina Grande – PB. Foi inaugurado em 1976. É propriedade pública, tendo ocupação de forma ordenada. Com uma área de 10.735,00m², tem cerca de 10.464, pessoas sepultadas, distribuídas em seus 442 terrenos próprios³ e 976 covas rotativas⁴. A média de sepultamentos é de 24 pessoas por mês e 288 por ano.

Cemitério São José, mais conhecido como Cemitério do José Pinheiro, localizado na zona urbana. Endereço: Rua Dom Bosco s/n CEP 58104-235 bairro do José Pinheiro – Campina Grande PB. Foi inaugurado em 1951. É de propriedade pública, tem ocupação de forma ordenada. Com uma área de 11.750,00m², tem cerca de 17.112 pessoas sepultadas, distribuídas seus 874 terrenos próprios e 446 covas rotativas. A média de sepultamentos é de 23 pessoas por mês e 276 por ano.

Cemitério São Judas Tadeu, mais conhecido como Cemitério do Cruzeiro, localizado na zona urbana. Endereço: Rua Adv. Otavio Amorim s/n CEP: 58417-320 – bairro do Cruzeiro Campina Grande – PB. Foi inaugurado em 1964. É propriedade pública, tendo ocupação de forma ordenada. Com uma área de 14.505,00m², tem cerca de 26.460, pessoas

³ Os terrenos próprios funcionam pelo regime de concessão de espaço, onde túmulos são concedidos a famílias, que administram e zelam o mesmo.

⁴ As covas rotativas são administradas pelos gestores dos cemitérios e são destinadas a famílias que não possuem túmulos próprios, onde o corpo fica acomodado por um período na cova, até sua total decomposição. Em seguida os restos mortais são retirados e armazenados em ossuários.

sepultadas, distribuídas em seus 558 terrenos próprios, e 2.800 covas rotativas. A média de sepultamentos é de 40 pessoas por mês e 480 por ano.

Cemitério do Santíssimo, mais conhecido como Cemitério da Vila Cabral, localizado na zona urbana. Endereço: Travessa José Henrique de Melo s/n – CEP: 58.408-115 – Vila Cabral de Santa Teresinha Campina Grande – PB. Foi inaugurado em 1993. É de propriedade tendo ocupação de forma ordenada. Com uma área de 2.770,00m², tem cerca de 980 pessoas sepultadas, distribuídas em suas 310 covas rotativas. A média de sepultamentos é de 05 pessoas por mês e 60 por ano.

Cemitério de São José da Mata, localizado na zona rural. Endereço: Rua João Miguel Leão s/n – CEP: 58.113-000 – Distrito de São José da Mata, Campina Grande – PB. Foi inaugurado em 1954. É de propriedade pública, tendo ocupação de forma ordenada. Com uma área de 4.215,00m², tem cerca de 5.660, pessoas sepultadas, distribuídas seus 219 terrenos próprios e 215 covas rotativas. A média de sepultamentos 10 pessoas por mês e 120por ano.

Cemitério de Catolé de Boa Vista, localizado na zona rural. Endereço: Rua Arquimedes Souto Maior, s/n – CEP: 58.100-000 – Distrito de Catolé de Boa Vista Campina Grande – PB. Foi inaugurado em 1978. É de propriedade pública, tendo ocupação de forma ordenada. Com uma área de 1.200,00m², tem cerca de 1.008, pessoas sepultadas, distribuídas em seus 62 terrenos próprios e 80 covas rotativas. A média de sepultamentos é de 03 pessoas por mês e 36 por ano.

Cemitério de Galante, localizado na zona rural. Endereço: Rua Manoel Farias Leite, s/n – CEP: 58.400-225 – Distrito de Galante, Campina Grande – PB. Foi inaugurado em 1936. É de propriedade pública, tendo ocupação de forma ordenada. Com uma área de 2.910,00 m², tem cerca de 4.216 pessoas sepultadas distribuídas em seus 136 terrenos próprios e 180 covas rotativas. A média de sepultamentos é de 06 pessoas por mês e 72 por ano.

3. O CAMPO SANTO PARQUE DA PAZ E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO PELO MERCADO

Figura 5: Campo Santo Parque da Paz



Fonte: Acervo do Campo Santo Parque da Paz.

Em 2005, Campina Grande recebeu de uma iniciativa privada a construção do mais importante espaço de sepultamento privado do município, o cemitério Campo Santo Parque da Paz, que está localizado no bairro do Velame. Trata-se de um cemitério do tipo parque, onde as sepulturas são identificadas nos gramados por placas de rocha granítica de cor escura, com inscrições metálicas (número de identificação do jazigo e nomes de pessoas e datas, em caso havendo sepultamento).

O Cemitério Campo Santo Parque da Paz tem como Razão Social o nome Pax Domini Participações Ltda., CNPJ: 04.966.638/0001-32. Está localizado na Avenida Jornalista Assis Chateaubriand, nº 5460, bairro do Velame, nas coordenadas geográficas S: 07 16 37.3" e W: 35 5322.7"). Possui Licenças Ambientais expedidas pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (SUDEMA), vigentes: LO (Licença de Operação) -2015-008077 nº 911/2016, com validade de 730 dias/2anos e LA (Licença de Alteração) 2016- 000511 Nº914/2016, com validade de 365 dias/1ano. A empresa possui Alvará de funcionamento e Certidão de Uso e Ocupação do Solo; rede de abastecimento e sistema de esgotamento sanitário (SILVA 2016).

Os cemitérios atualmente, no modelo do Campo Santo Parque da Paz, atuam não somente como depósitos de restos mortais, mas, como locais de conforto para os familiares, que diante da notícia da morte de um ente querido, se encontram desamparados

emocionalmente, e são exatamente nessas particularidades de suportes sociais que os cemitérios estão investindo, pois sua finalidade ultrapassa o sentido antes empregado e estendem-se a um espaço de comunhão e relações socioculturais.

No Campo Santo Parque da Paz, vemos que o setor privado se utiliza dessa lógica capitalista para incorporar outros serviços nesse espaço “A terra não é trabalho materializado, embora, a exemplo da força de trabalho, torna-se mercadoria no capitalismo. ” (CARIO; BUZANELO, 1986, p. 33), que até pouco tempo atrás não existia tantas utilidades como existem hoje.

2.1 Resultado e Discussões

Foi realizada no dia 20 de novembro, uma entrevista com responsáveis pelo setor de administração do Campo Santo Parque da Paz, a fim de entender como funciona a lógica empresarial e administrativa daquele lugar.

Para analisarmos as mudanças ocorridas nos hábitos das pessoas que fazem o uso do espaço da morte, antes e depois da chegada do Campo Santo Parque da Paz, foi feita uma entrevista com as funcionárias *A.S.P*⁵ (Supervisora Administrativa), e *R.R.L.R* (Gerente Administrativa), para investigar as transformações que acontecem há treze anos, desde a criação desse espaço.

Como surgiu a ideia de criação do Campo Santo Parque da Paz

Tendo em vista o rápido crescimento econômico de Campina Grande, e a evolução de determinadas classes sociais na cidade, a gerente administrativa foi questionada quanto à ideia da criação do mais novo espaço da morte em Campina Grande. A mesma afirma que surgiu quando os sócios proprietários Arimateia Rocha e Renato Rocha, donos da Construtora Rocha Cavalcante, naturais de Campina Grande, fizeram uma visita à cidade de Natal-RN, onde conheceram o primeiro cemitério tipo parque da cidade, constatando assim que Campina Grande poderia receber um empreendimento daquele porte.

Parceiros

Considerando que se trata de uma empresa de grande porte, supôs-se que haveria a necessidade da contratação de serviços terceirizados a fim de atender as várias necessidades existentes. Constatou-se com base na entrevista que o Campo Santo Parque da Paz conta hoje com cerca de 60 colaboradores, todos com carteiras assinadas, dentro das leis trabalhistas. Surgiram duas empresas com a finalidade de dar suporte, o Digna e Flores Digna, também

⁵ Foram utilizadas abreviações com as iniciais dos nomes dos entrevistados, preservando as identidades dos mesmos.

criadas pela Construtora Rocha, trabalhando em parceria com o Campo Santo Parque da Paz. O Digna é um plano assistencial familiar que existe há 11 anos, com inúmeros “benefícios” em vida e assistência pós-vida. Em vida os associados têm vantagens em diversos parceiros da rede credenciada, no pós-vida, o Digna oferece todo o suporte funerário para seus beneficiados e descontos no Campo Santo Parque da Paz e na Floricultura Digna. Fundada em 2015, a Flores Digna é uma empresa focada na produção e comercialização de coroas e arranjos para velório.

Benefícios

Figuras 6 e 7: Sala de velório executiva e sala de apoio



Fonte: Acervo do Campo Santo Parque da Paz.

Nesse cemitério do tipo parque, foram encontradas novas modalidades para atrair um maior número de compradores para adquirir terrenos, entre os serviços oferecidos estão as salas de velórios, no total de seis, sendo quatro salas executivas, de tamanho padrão, uma capela ecumênica e a capela Pax Domini, que é a maior de todas, onde acontecem grande parte dos cultos religiosos durante o ano. Todos esses espaços contêm salas de apoio, chamadas também de salas íntimas, que possuem sofá, frigobar, televisão e banheiro, oferecendo a família do falecido uma maior comodidade. O espaço dispõe de serviço de internet gratuita; acompanhamento de uma técnica de enfermagem durante todo o velório, para dar suporte ao familiar; lanchonete que funciona no horário de 06h00min as 18h00min, além de uma ampla área de estacionamento. Tudo isso gera mais lucros além do que seria o principal objetivo desse espaço, o arrendamento da terra para comportar os mortos. Nesse sentido, Silvio e Edemar (1986) explicam que o capitalismo busca inserir-se em lugares, mesmo onde não existem relações de produção não desenvolvidas capitalistamente.

Perfil dos clientes

O perfil dos clientes até 2017 era de pessoas da classe A, B e C (mais próximas da B), mas no ano de 2018 foi lançada uma proposta de jazigo de valor mais acessível: antes as

parcelas custavam em média 450 reais mensais e recentemente foram criados planos com parcelas a partir de 180 reais, dependendo da localização.

Uso do solo

O Campo Santo trata-se de uma concessão pública, onde a empresa ganhou o direito de explorar a terra durante uma determinada quantidade de tempo. Quando o cliente obtém o terreno, está adquirindo o direito de concessão deste espaço, entretanto, sempre que for necessário abrir o jazigo, é cobrada uma taxa de serviço no valor de 210,00 que pode ser parcelada.

O cemitério tipo parque possui cerca de 5.800 jazigos espalhados em sua área. Existem diferenças de valores de acordo com a localização: os jazigos que ficam nas primeiras quadras ou próximos ao bloco administrativo, capelas de velórios, lanchonete, espaços de convivência, tendem a ter valores mais elevados devido à localização próxima a áreas ditas privilegiadas do cemitério.

Figura 8: Planta baixa da infraestrutura do Campo Santo Parque da Paz



Fonte: Folder de divulgação e vendas do Campo Santo Parque da Paz.

Jazigos e ossuário

Cada jazigo comporta até três corpos, podendo, por opção do cliente, ser feita a exumação e colocados em pequenas caixas de material plástico, que tem durabilidade média de 100 anos, com isso comportar uma quantidade maior de restos mortais dentro do jazigo. As pessoas costumam colocar essas caixas dentro do jazigo junto ao caixão (figura 7), e no mesmo espaço cabem até mais três caixas, dependendo do porte do caixão, com o sentimento de manter próximos seus familiares dentro do jazigo. Por exemplo: o marido junto da esposa, um pai junto de um filho.

A supervisora explica que depois que o espaço foi instalado na cidade, pessoas que tem entes sepultados em outros cemitérios, estão fazendo o translado dos restos mortais destes, para serem colocados em seus jazigos no Campo Santo, com a justificativa de que ali estará mais seguro e preservado.

Figura 9: Estrutura interna dos jazigos



Fonte: Folder de divulgação e vendas do Campo Santo Parque da Paz.

Velórios e sepultamentos

O cemitério oferece todos os serviços e suportes necessários, do velório até o sepultamento, mas é comum acontecer que a família queira velar seu ente querido em sua casa, funerária próxima, bairro onde residia, na tentativa de ficar mais próximo dos familiares e amigos, e posteriormente acontecer o sepultamento no Campo Santo. Acontece também o contrário: pessoas que possuem o jazigo, mas realizam somente o velório no Campo Santo, e o sepultamento acontece em outro cemitério, outra cidade. Analisando estatisticamente, aproximadamente 80% dos velórios e sepultamentos acontecem no próprio cemitério do Campo Santo Parque da Paz.

Religiões que fazem uso do espaço

Quando o cliente informa ao Campo Santo sobre a necessidade do uso do salão de velório, é respondido um questionário, o mesmo é interrogado quanto à religião da família ou do falecido, para que o espaço possa ser preparado com paramentos de acordo com a religião praticada.

Cristãos católicos e protestantes, espíritas, ateus, entre outros são as principais religiões e seguimentos que predominam nos velórios que acontecem, sendo em sua maioria

cristãos católicos, em seguida cristãos protestantes e depois espíritas. Tendo em vista a predominância de clientes católicos, são realizadas missas sempre no primeiro e terceiro domingo do mês, às 11h00min na capela Pax Domini.

Figura 10: Capela Pax Domini



Fonte: Dados da pesquisa de campo. Nov./2018.

No evento no dia de finados, o Campo Santo recebe todos os anos um público estimado em média de 12 mil pessoas durante o dia, e realiza uma programação especial atendendo as principais religiões. No último dia 02 de novembro, aconteceu à missa de finados, com a participação de mais duas mil pessoas, celebrada pelo bispo da cidade de Campina Grande, Dom Dulcênio Fontes de Matos. Ao longo da programação também aconteceu uma palestra espírita e um culto evangélico.

Expansão e investimentos

Ao longo de 13 anos de existência do Campo Santo, sua maior expansão foi o primeiro crematório do interior do Nordeste, o Pax Domini. Desde sua criação, há três anos, já foram realizadas 37 cremações. Atualmente o principal investimento que está sendo feito, ainda está em fase de projeto, o cemitério vertical, que vai ser construído na mesma área e tem a expectativa de atender pessoas que buscam valores mais acessíveis.

Principais problemas enfrentados

Com base na entrevista, constatou-se que o principal problema enfrentado surgiu logo quando o empreendimento chegou à cidade. Devido aos “preconceitos”, surgiram boatos de que as pessoas eram “sepultadas em pé”. Diante desse fato, foi necessário um trabalho de *marketing* e publicidade para desmistificar essa inverdade, além de tentar mudar a visão antiga da sociedade que acreditava que todos os cemitérios deveriam ser como mausoléus:

covas com cruzeiros, catacumbas com imagens religiosas e quadros. Com isso, foi difícil a adaptação e aceitação de um cemitério que chega com a proposta de trazer um conceito paisagístico e arborizado, tentando transmitir paz onde antes era somente visto como lugar de dor e sofrimento.

2.2 O Campo Santo Parque da Paz sob o olhar dos usuários

Figuras 11 e 12: Jazigos e equipamentos de uso no sepultamento

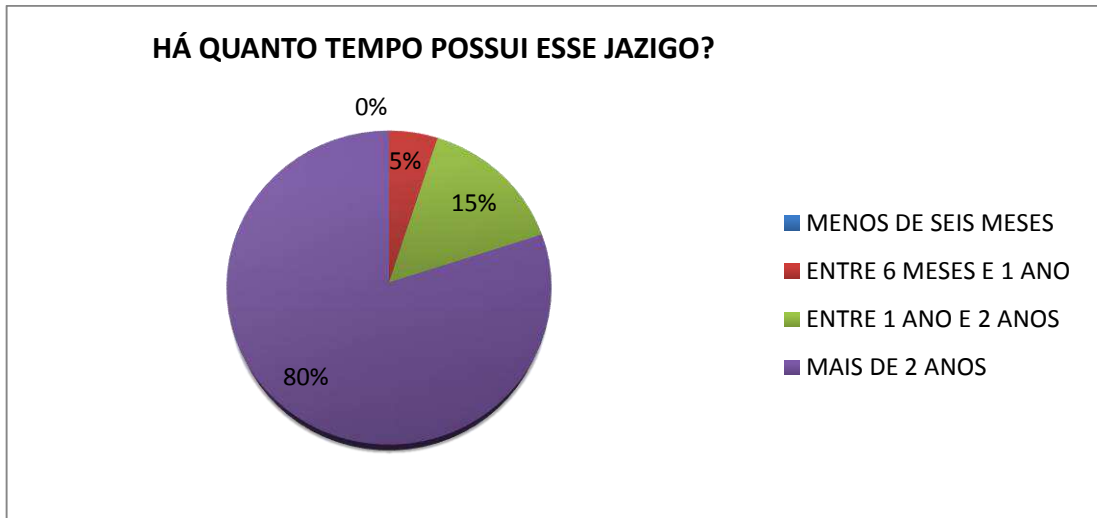


Fonte: Dados da pesquisa de campo. Nov./2018.

Foram aplicados questionários com perguntas diversas, a fim de avaliar o que essas pessoas acham da estrutura, como conheceram os planos, se estão satisfeitos com os serviços oferecidos, se fizeram ou fazem visitas frequentemente ao espaço, e quantificar, como por exemplo, o tempo que possui o jazigo. Os dados foram obtidos através da aplicação de 20 questionários *online* com pessoas proprietárias ou responsáveis pelos jazigos.

Metade dos entrevistados conheceram os planos de venda de jazigo através da indicação de familiares e amigos, os demais a partir de planos de vendas, e divulgação em meios de comunicação.

Dentre as comprovações aferidas com a aplicação dos questionários, observou-se que a maior parte dos entrevistados possuem jazigos há mais de dois anos, segundo podemos observar no Gráfico 1. Concluindo com isso, que o tipo de clientes do Campo Santo é de perfil social de poder aquisitivo médio e alto.

Gráfico 1: Referente ao tempo médio que o usuário possui o jazigo

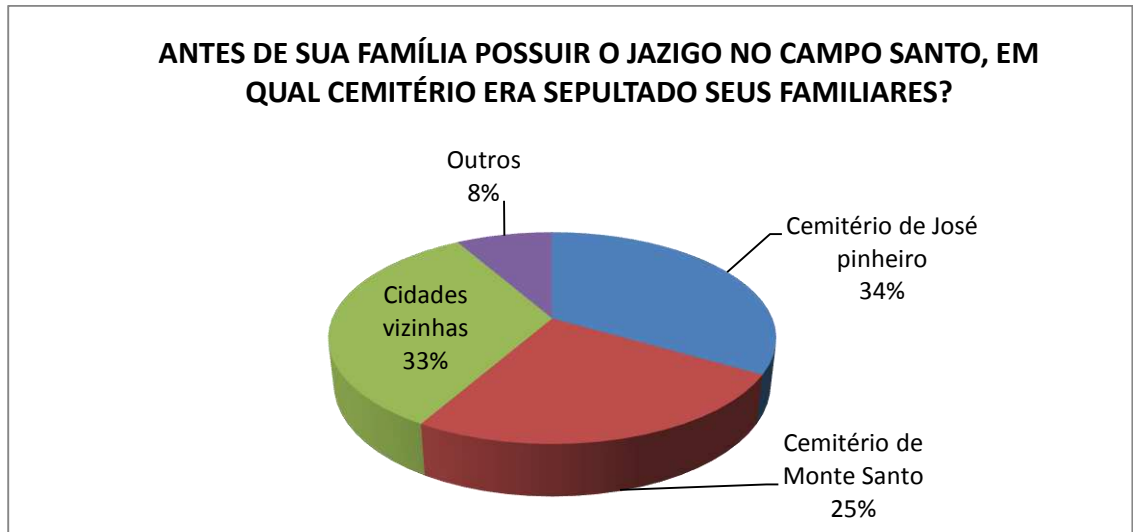
Fonte: Dados da pesquisa de campo. Nov./2018.

Mais da metade dos entrevistados (75%) já fizeram uso de algum dos serviços oferecidos no Campo Santo, onde foi possível identificar um elevado nível de satisfação, esses usuários avaliaram os serviços prestados como muito bom, e que foram atendidas todas as expectativas. As constatações feitas pelos relatos dos envolvidos na pesquisa revelam que os fatores mais relevantes que levaram a decisão da compra do jazigo foram à infraestrutura, segurança, e principalmente a comodidade que o espaço oferece.

Mediante os dados obtidos, percebeu-se que a maior parte dos clientes são cristãos, e 70% deles já participaram de alguma cerimônia religiosa promovida no Campo Santo, a maioria participou de missas.

Questionados sobre onde seus entes queridos eram sepultados antes de adquirirem o jazigo no Campo Santo, com base nos depoimentos obtidos, identificamos a predominância em três tipos de lugares diferentes, a maior parte deles tinham terreno no cemitério São José, no bairro de José Pinheiro (área que abrange a localidade das pessoas que responderam os questionários). O segundo em cidades vizinhas e o terceiro no Cemitério de Monte Santo, conhecido por ser o primeiro cemitério da cidade ainda existente, conforme podemos verificar no Gráfico 2:

Gráfico 2: Onde sepultava os familiares antes do Campo Santo Parque da Paz



Fonte: Dados da pesquisa de campo. Nov./2018.

Tornou-se perceptível que no ponto de vista da maior parte das pessoas escolhidas para o estudo, a principal reivindicação é sobre a taxa de manutenção que é cobrada anualmente.

Perguntados de “modo geral, quais os pontos positivos? ”. Destacaram-se três respostas: A primeira foi de *R.A.M* que é proprietário do jazigo: (*R.A.M*): *O principal ponto é a paz que o espaço traz, diferente dos demais cemitérios o Parque Santo consegue amenizar o clima pesado que os demais têm, devido a relação com a natureza.*

A segunda resposta que se destacou foi a de *D.M.B* que é responsável pelo jazigo, (*D.M.B*): *Estrutura do local, espaço para o velório, como também os espaços comuns são muito bons, acolhimento por profissionais acostumados a situação vivida naquele momento, enfermeiros no local caso seja necessário.*

A terceira resposta foi de *J.M.B*, proprietário, diz que: (*J.M.B*) *Qualidade no atendimento. Sempre me atenderam muito bem, quando quitei várias parcelas de uma única vez tive desconto e já perdi o boleto de pagamento e eles vieram receber o valor em minha casa sem eu precisar me preocupar em ir pegar outra via.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa foi possível observar a importância da criação de um cemitério tipo parque na cidade de Campina Grande, evidenciando os avanços que este empreendimento trouxe, podendo citar como benefício principal a geração de emprego e renda, embora

assalariado. Além das vantagens dos serviços oferecidos aos usuários, reafirmando a relevância da inovação que o espaço trouxe para a cidade.

Esta pesquisa teve como objetivo principal mostrar como o capitalismo se apropriou do espaço sagrado para geração lucros além do que seria a principal finalidade desse espaço, o arrendamento da terra para comportar os mortos. Sendo assim, os espaços tradicionais e sagrados de sepultamento de mortos passam a ser mercadorias de valor comercial.

Apesar das vantagens existentes e das tentativas de baratear os serviços oferecidos através de estratégias da distribuição geográfica dos jazigos, pode-se afirmar que o uso deste espaço é restrito a determinadas classes sociais, tendo em vista o alto valor que o cliente deverá custear a fim de adquirir um jazigo e fazer uso dos serviços oferecidos no Campo Santo Parque da Paz.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ana Paula Martins; BRITO, Rafaela Barbosa de. **O CEMITÉRIO COMO UM TEMPLO RELIGIOSO E A CONCRETIZAÇÃO DO DIREITO FUNDAMENTAL À LIBERDADE DE CRENÇA POR MEIO DA IMUNIDADE TRIBUTÁRIA**. 2013. 37 f. Monografia (Especialização) - Curso de Direito, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=6e6dfb0bdbd1a0d2>>. Acesso em: 28 out. 2018.

ALMEIDA, Renan Pereira; MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. Renda da terra e o espaço urbano capitalista contemporâneo. **Revista de Economia Política**, Minas Gerais, v. 37, n. 2, abr-mai 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v37n2/1809-4538-rep-37-02-00417.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2018.

ALMEIDA, Elpídio de. CEMITÉRIO VELHO. In: ALMEIDA, Elpídiode. **História de Campina Grande**. Campina Grande: Editora Universitária/ufpb, 1978. p. 289-300.

ARAÚJO, Adriano; SOUSA, Emmanuel. **O Antigo Cemitério das Boninas**. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2014/11/o-antigo-cemiterio-das-boninas.html#.W6IPDGhKjIU>>. Acesso em: agosto de 2017.

ARAÚJO, Adriano; SOUSA, Emmanuel. **O Cemitério Velho, nas Boninas**. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2009/08/boninas-o-cemiterio-velho.html#.W6IPDGhKjIU>>. Acesso em: agosto de 2017.

BURMANN, Claudir. Espaço e espaço sagrado: um olhar a partir de uma comunidade luterana. **Dossiê: Leitura da Religião: RELIGIÃO, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO**, São Leopoldo, p.60-68, 01 maio 2008. Anual. Disponível em: <<http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2021>>. Acesso em: 11 set. 2018.

CAMPINA GRANDE. Redação. Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente (Ed.). **Equipamentos: Cemitérios**. 2014. Disponível em: <<http://sesuma.org.br/>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

CARDOSO, Maria Francisca Thereza C.. Campina Grande e a sua função como capital regional. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 4, out-dez 1963.

COSTA, Leonardo Barboza da. **Estruturação da cidade de Campina Grande: As estratégias e intencionalidades do mercado imobiliário**. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Cap. 3. Disponível em: <http://www.ccen.ufpb.br/ppgg/contents/documentos/dissertacoes/leonardo_barboza.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2017.

KANDIR, Antônio. **A instabilidade do mercado imobiliário**. Dissertação. (Pós-Graduação em ciências humanas). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. 1983.

MARTINS, G.S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1983. p.151 - 177.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil, terra de quem?** São Paulo: Nobel, 1991. 143p.

SILVA, Adelmá Domingos da. **A resignificação dos espaços da morte em Campina Grande: cemitérios como espaços de sociabilidade Autor(es): Silva, Adelmá Domingos da**. 2016. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Ceduc, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/10646>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

SILVIO Antônio Ferraz Cario e EDEMAR J. Buzanelo. Notas Sobre a Teoria Marxista da Renda Terra. In: *Revistas de Ciências Humanas UFSC* v. 5, n. 8 –1986 Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=7115&view=detalhes>>. Acesso em: agosto de 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O que faz de uma cidade uma cidade?. In: SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. cap. 1, p. 23-40.

SPOSITO, Maria Encarnação B. Urbanização pré-capitalista. In: SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e urbanização**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2008. cap. 1, p. 11-29.